

RELATÓRIO DE PESQUISA

Migração, sujeito e entre-línguas: perder-se no labirinto da palavra¹



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Gláucia Muniz Proença Lara (UFMG)
- Marluza da Rosa (UFSM)
- Isabelle Tausin-Castellanos (UBMontaigne)

AVALIADO POR

- Bethania Mariani (UFF)
- Fernanda Correa Silveira Galli (UFPE)

SOBRE OS AUTORES

- Luan Alex de Mattos
Conceptualização,
Investigação, Metodologia,
Escrita – rascunho original,
Escrita – análise e edição.
- Angela Derlise Stübe
Conceptualização,
Metodologia, Supervisão,
Escrita – análise e edição.

DATAS

- Recebido: 15/09/2021
- Aceito: 10/10/2021
- Publicado: 07/12/2021

COMO CITAR

Mattos, L. A.; Stübe, A. D. (2021). Migração, sujeito e entre-línguas: perder-se no labirinto da palavra. *Revista da Abralín*, v. 20, n. 3, p. 310-330, 2021.

Luan Alex de MATTOS

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Angela Derlise STÜBE

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

RESUMO

No presente artigo, analisamos modos de subjetivação que atravessam o processo de constituição do sujeito que se enuncia em outra língua, que não a dita materna. Para isso, trabalhamos com sujeitos na posição de imigrante – em específico, imigrantes haitianos que residam no município de Chapecó. Realizamos quatro entrevistas semi-estruturadas e on-line a partir de uma questão gatilho. Posteriormente, analisamos recortes discursivos colhidos dessas entrevistas tomando como base um referencial teórico que abarca a psicanálise lacaniana e a desconstrução, tal como apresentada por Derrida. Esse processo de análise se deu através de um movimento pendular entre teoria e *corpus* de análise. Por fim, o sujeito, tal como o compreendemos, é sempre uma possibilidade, um devir. Os participantes da pesquisa, imigrantes haitianos, são sujeitos que assumem determinadas posições e enunciam de determinadas formas pelas posições mesmas que ocupam, sendo sujeitos imigrantes que se confundem no entre-línguas. Compreendemos que a posição de entre-línguas é constitutiva da possibilidade de ser sujeito. Mais do que o atravessar, o entre-línguas lhe possibilita efetivamente vir a ser enquanto sujeito.

¹ O artigo é resultado de uma dissertação de mestrado pelo Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos, da UFFS, intitulada “A emergência do sujeito no espaço entre línguas: interpelações discursivas em sujeitos na posição de imigrante”. Essa pesquisa integra um projeto maior, intitulado “Ser-estar-entre-línguas-culturas: língua, identidade e formação de professores”.

ABSTRACT

In this paper, we analyze modes of subjectivation that go through the process of constitution of the subject who speaks in a language other than the so-called mother tongue. Thus, we work with subjects in the position of immigrant - specifically, Haitian immigrants residing in the municipality of Chapecó, Santa Catarina State. We conducted four semi-structured and online interviews based on a trigger question. Posteriorly, we analyzed discursive excerpts collected from these interviews from a theoretical framework that encompasses Lacanian psychoanalysis and deconstruction from Derrida. This process of analysis was done through a pendulum movement between theory and *corpus* analysis. Finally, the subject, as we understand it, is always a possibility, a becoming. The research participants, Haitian immigrants, are subjects who take certain positions and enunciate in certain ways for the same positions they occupy, being immigrant subjects that merge and confuse between-languages. We realize that the position of constitutive between-languages is the possibility of being subject. More than crossing, the between-languages enables the immigrant to effectively become a subject.

PALAVRAS-CHAVE

Migração. Língua. Entre-línguas. Sujeito. Subjetividade.

KEYWORDS

Migration. Language. Between-languages. Subject. Subjectivity.

Introdução

O processo de constituição do sujeito nunca é linear. Mais do que ser atravessado por elementos que o desestabilizam, o sujeito se constitui a partir de uma trama discursiva que determina para ele lugares e posições a partir dos quais pode - e apenas a partir dos quais pode - se enunciar. Em situações de migração, o processo se dá de igual modo, sendo então o sujeito, na relação com sua(s) língua(s) realocado na trama discursiva, presentificando-se a necessidade de utilização de uma nova língua e a inevitabilidade de inserção em novos contextos sociais, nos quais a sua língua não é ouvida.

Tomando como ponto de partida as inquietações que nos desperta o atravessamento do sujeito por suas línguas, pensamos os casos de migração do Haiti para o Brasil e a relação desse sujeito, na posição de imigrante, com as línguas que o atravessam em seu processo - contínuo - de constituição de sujeito. Payer (2016), discutindo o sujeito imigrante, vai postular que:

O discurso sobre o imigrante não deixa ouvir, ou sequer imaginar, o que seria da ordem de um discurso do imigrante: outros lugares de dizer, nos quais (se) significam o sujeito que imigra, que trabalha, que tem família, amigos, enfim, que (sobre)vive (PAYER, 2016, p. 349, grifos no original).

Assim, a autora marca a importância de se dar voz a esses sujeitos, mas a necessidade de fazê-lo de forma legítima, ouvindo-os de fato, na medida em que esses discursos não são coincidentes. Assim, enfatizamos o discurso do imigrante na tentativa de nos valermos de suas vozes na condução da pesquisa.

Imigrar é, segundo Costa (2016), um costume comum do povo haitiano, uma meta de vida. Para o Brasil, eles começam a vir após 2010. De acordo com Costa (2016), reportando-se a Zamberlam *et al.* (2014), isso se dá em razão de um conjunto amplo de fatores, como relações comerciais entre o Haiti e o Brasil, que desencadearam investimentos naquele país; o terremoto de 2010, que dizimou boa parte do país e o prejudicou economicamente de forma bastante severa; a subsequente colaboração do Brasil após esse episódio, enviando ajuda humanitária e mostrando-se aberto para receber haitianos que desejassem emigrar para cá, bem como a imagem positiva do país como um país acolhedor.

Bordignon (2015) salienta que a migração de haitianos para o Brasil se intensifica entre 2012 e 2015. No Oeste catarinense, local de nossa pesquisa, eles começam a chegar ainda em 2011, atraídos pelo trabalho disponibilizado em agroindústrias da região, que são as maiores responsáveis por boa parte do movimento da economia regional.

No presente artigo, buscamos abordar a relação do sujeito na posição de imigrante com suas línguas a partir dos modos como significam e se significam em cada uma delas. Cabe salientar, contudo, que ao falarmos de língua, toda separação estanque é da ordem de um forçamento e que a língua una, como vimos, é inalcançável.

Mesmo falando de línguas outras, o crioulo, reconhecido pelos enunciadores como sua língua materna, marca-se em seu discurso. Só é possível falar da língua na língua, e, no caso de nossos enunciadores, só é possível falar de línguas outras tendo como ponto de partida a língua dita materna (DERRIDA, 1996).

Para alcançarmos nossos objetivos e elucidarmos nosso problema de pesquisa, propomos como dispositivo teórico-analítico uma forma de análise de discurso sedimentada nos saberes da psicanálise freudo-lacaniana – cujas bases epistemológicas devem ser buscadas nas ciências linguísticas – e nas teorias desconstrutivistas de Jacques Derrida. Entendemos por análise uma forma de se fazer ciência, conjecturalmente, que obedece a uma lógica de indícios convergentes (MAJOR, 2002).

Da psicanálise interessa-nos a presença do Inconsciente como hipótese, desestabilizando o sujeito e permitindo que ele apareça, de fato, ali onde não pensa. Interessam-nos também as releituras de Saussure propostas por Lacan e as suas interlocuções com a linguística. Isso porque seu interesse no simbólico e no signo permite uma leitura outra da materialidade linguística de nosso *corpus*.

Derrida contribui pela sua teoria da desconstrução, as aberturas teóricas que propõe e as trocas que realiza com outros saberes, tendo por base a psicanálise, teoria do inconsciente e da linguagem que o autor nunca deixa de lado. Major (2002) afirma que:

A desconstrução derridiana não recalca de modo algum a herança freudiana. Ela a prolonga em uma necessidade hiperanalítica, colocando em jogo o desejo ou a fantasia de reunir-se ao originário, ao irredutível, ao indisível. Juntando os dois temas de toda análise, o tema *arqueológico* de retorno ao antigo, que ordena a repetição e sua alteração, e o tema *filolítico* da desvinculação dissociativa, da decomposição das unidades, da desconstituição dos sedimentos, a desconstrução sustenta a exigência analítica da sempre possível desvinculação como a própria condição de possibilidade da vinculação geral (MAJOR, 2002, p. 22-23, grifos no original).

Propor um alinhamento entre os dois autores para o desenvolvimento das análises de nosso *corpus* não é, então, um movimento forçoso. Há algo entre eles e suas teorias que, de certa forma, faz com que se toquem. Derrida presentifica a busca em um para-além, que é em essência inalcançável. O encontro com o originário ou com a língua una é sempre postergado. *Différance*².

Para a análise de nosso *corpus* desenvolvemos uma metodologia a partir de um movimento pendular entre teoria e *corpus*, tal como proposta por Petri (2013). Desse modo, os elementos teóricos que se fazem presentes no texto surgem de uma necessidade desperta pelos enunciados dos participantes – reconhecimento que se dá a partir de nossa leitura –, que direcionam nosso interesse e demandam a busca de um amparo teórico para o desenvolvimento das análises.

Para a construção da pesquisa, realizamos 04 entrevistas com imigrantes haitianos residentes no município de Chapecó – SC. A investigação foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, sendo aprovada sob o parecer de número 34857420.7.0000.5564. As entrevistas se deram a partir de uma questão gatilho ou questão-chave, a saber: “Pode falar sobre sua relação com suas línguas? Como foi o aprendizado de cada uma delas?” Uma vez transcritas as entrevistas, trabalhamos isolando sequências discursivas (SD), buscando reconhecer regularidades discursivas (RD) que nos interessassem por suas possibilidades de significação. As regularidades discursivas reconhecidas dentro da fala de cada um dos entrevistados foram: RD de Língua Materna; RD de Entre-Línguas; e RD de Políticas Linguísticas. Para este texto, a RD a ser analisada será a de Entre-Línguas, por entendermos que nesse corpo de enunciados se encontram elementos que muito nos interessam para a construção deste texto.

Para o acesso aos entrevistados, contamos com uma rede de apoio informal que colaborou com a divulgação da pesquisa para participantes em potencial. Essa divulgação, bem como o desenvolvimento das entrevistas, deu-se de forma on-line – tal como apontado como profícuo por Faleiros *et al.* (2016) – em função da pandemia da COVID-19 (WERNECK; CARVALHO, 2020).

Para dar conta da problemática do estudo, discutimos inicialmente o processo de migração de Haitianos para o Brasil; na sequência, analisamos a inserção na língua (sempre) do outro e seus impactos na subjetividade; em seguida, interpretamos sentidos sobre língua materna a partir das narrativas dos participantes da pesquisa e seus impactos na constituição do sujeito.

² Derrida joga com os significantes homófonos *différence* e *différance*. Assim, o autor aponta a desconstrução das oposições dicotômicas e a multiplicidade de sentidos superpostos (STUBE NETTO, 2008).

1. Migração: Brasil como possibilidade de ser

Moraes, Andrade e Mattos (2013) discutem as razões pelas quais o Brasil se tornou um destino atraente para imigrantes haitianos. A partir de um estudo de base histórico-estruturalista, os autores analisam o fluxo de migração a partir das conjunturas que, no momento da escrita do artigo, afetavam os dois países.

Naquele momento, o Haiti acabava de sair de um período ditatorial, marcado por seguidas tentativas de golpe de estado e passado por uma série de catástrofes climáticas, como três furacões em 2009 e um grave terremoto em 2010. Os autores apontam que há uma estimativa de que, no citado terremoto, cerca de 230 mil haitianos tenham perdido a vida. O terremoto marca também o início das migrações de haitianos para o Brasil, fenômeno que irá aumentar exponencialmente no final de 2011 e início de 2012 (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013).

Considerando as citadas problemáticas de ordem social, ambiental e política que incidiram – e continuam produzindo efeitos – sobre o Haiti, a participação e protagonismo do Brasil em iniciativas e ações que colaboraram para uma melhora da qualidade de vida no país, em diferentes frentes de atuação como saúde, assistência social e infraestrutura (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013) colaborou para fazer com que o país passasse a ser reconhecido como um destino possível e pertinente.

Ainda discorrendo sobre o Brasil, Uebel (2016) aponta que no biênio 2013-2014 os haitianos estavam em 16º lugar no *ranking* de maiores grupos imigratórios no Brasil. O autor argumenta que esses imigrantes vêm para cá em “duas gerações” mais marcadas. A primeira vem após a crise humanitária e o terremoto de 2010. Esse grupo, constituído em sua maioria por homens solteiros ou com família, mas que migram para o Brasil sozinhos, buscava apenas oportunidades de trabalho. O que o autor chama de segunda geração apresenta um caráter distinto da primeira. Tendo contato com os haitianos morando no Brasil, esse grupo que começa a vir para cá após 2013 já se direciona aos estados do Sul do país e inclui mulheres, pessoas mais velhas, famílias completas com crianças e pessoas com graus de instrução variados.

Em Chapecó/SC, cidade onde esta pesquisa foi desenvolvida, o número de imigrantes haitianos é bastante significativo: “Ao final de 2015, a estimativa era que aproximadamente 60 mil haitianos residiam no Brasil e três mil em Chapecó, oeste de Santa Catarina. No entanto, devido à crise econômica, órgãos oficiais da cidade de Chapecó (Secretaria de Saúde e Política Federal) estimam que em 2017 a população de haitianos tenha reduzido pela metade.” (RISSON, MATZUE, LIMA, 2018, p. 3). Bordignon (2015) aponta as agroindústrias da região como um espaço de trabalho que tem acolhido muitos imigrantes, assim como fez com E03³. Entretanto, por serem uma parte tão expressiva da população, ocupam também postos outros de trabalho formal e informal, tais como tradutor no serviço público (E04), ou motoristas de aplicativo. São uma parte significativa da população chapecoense.

³ A marcação “E” seguida de numeração – como no caso E03 – refere-se à “Enunciador” e a ordem numérica em que as entrevistas foram realizadas.

Lisette Weissmann, psicanalista uruguaia – em texto de 2017 sobre a imigração, o exílio e os efeitos desses na perda da língua materna – escreve em uma língua que não reconhece como sendo sua língua materna (WEISSMANN, 2017, p. 186). Nesse ato, convoca-nos a ler seu escrito como um texto intercultural. Para ela, há na migração uma dimensão de perda. Perda do contexto e da cultura que sustentariam os sujeitos envolvidos pelo laço social. O imigrante, diante dessa perda, buscaria novas referências linguísticas e culturais entre o espaço de origem e os novos espaços propiciados pela migração. Para a autora, migrante em alguma medida, não há garantia de que o sujeito vá poder se instaurar e estruturar nesse espaço intercultural instável por natureza.

Apesar disso, os movimentos de imigração têm tido um crescimento exponencial. Não apenas no Haiti, mas em países outros e em circunstâncias que diferem e variam de modo muito significativo, as migrações continuam se dando. E ao migrarem, a inserção do sujeito na língua do outro se (im)põe.

2. Inserção na língua (sempre) do outro

Entendemos com Derrida (1996) que o monolinguismo não se faz um consigo mesmo. Não há monolinguismo absoluto (DERRIDA, 1996, p. 22), uma vez que minha língua e a do outro sempre se cruzam. A língua como possibilidade não deixa nunca de se expandir, não se faz uma. Assim, para Derrida:

Uma língua não existe. Atualmente. Nem a língua. Nem o idioma nem o dialeto. Isso é, aliás, a razão pela qual não saberíamos nunca contar essas coisas, e porque se, em um sentido que explicitarei em um instante, não temos senão uma língua, esse monolinguismo não se faz um com ele mesmo⁴ (DERRIDA, 1996, p. 123, tradução nossa).

O monolinguismo, portanto, presentifica-se como uma ilusão totalizante da qual não nos apropriamos, mas que visa, eventualmente, à busca por uma estabilidade, condição *sine qua non* da constituição identitária – ainda que ilusória – do sujeito. Em verdade, estamos a todo momento entre-línguas, ainda que essas sejam a minha e a do Outro⁵ e se assentem sobre o mesmo código linguístico. A minha língua é sempre a língua do outro e a entrada na língua é sempre na língua do outro.

Essas transições e esses efeitos se presentificam quando o sujeito se depara com o dizer do outro, seja na escola, no trabalho ou em outras interações sociais em que se aventa a necessidade de uma língua legítima. O exposto também é verdadeiro para situações de bilinguismo e multilinguismo, ainda que essas definições nos incomodem por apontarem ou eventualmente buscarem uma totalização da língua em questão (CORACINI, 2007).

⁴ *Une langue n'existe pas. Présentement. Ni la langue. Ni l'idiome ni le dialecte. C'est d'ailleurs pourquoi on ne saurait jamais compter ces choses et pourquoi si, en un sens que j'expliciterais dans un instant, on n'a jamais qu'une langue, ce monolinguisme ne fait pas un avec lui-même* (DERRIDA, 1996, p. 123, grifos no original).

⁵ As diferenças entre os conceitos lacanianos de Outro e outro serão exploradas na seção 3 do presente artigo.

No caso de nossos entrevistados, parte-se de uma relação entre a língua dita materna e a língua do Outro como colonizador, que desde muito cedo afeta a criança haitiana. Consideramos que essa situação linguística e social afete os sujeitos de um modo bastante singular e não apenas na relação e com relação a essas línguas, mas também com relação a línguas outras.

A narrativa de nossos entrevistados aponta o espaço entre-línguas como um território de oportunidades, mas também de conflitos e de segregações. É reconhecido por eles que o trânsito entre diferentes línguas pode ser bastante benéfico, como mencionado por E01:

SD01: Que nem eu fiz com o inglês, que não foi uma obrigação, porque, para os haitianos, né, não é uma obrigação aprender inglês/ Se você gosta/ Daí como que vai surgir essa questão de// porque os haitianos a maioria falam inglês, é por essa questão de migração, é que isso é algo que já faz tempo que tem, começou, não foi algo que agora né, digamos assim, por acaso que você ta vendo bastante haitianos vindo pro Brasil. Porque isso já começou faz muito tempo né. Na época era mais Estados Unidos, Canadá, que lá fala inglês, francês. /Daí, pra um haitiano, um imigrante haitiano, INGRÊS seria uma língua de oportunidade, entendeu? (E01, p. 03).

A partir da SD01 podemos compreender que, embora não exista uma obrigatoriedade da aprendizagem do inglês, a maioria dos haitianos fala essa língua. Isso nos convoca a refletir sobre os efeitos que essa língua, como nova possibilidade de dizer, promove no funcionamento social do país e nas possibilidades de migração que se dão a partir da inserção nessa língua. Inserem-se nessa língua outra para assim poderem acessar espaços outros. Para esse enunciador, o inglês é uma língua de “oportunidade”.

Essa língua que atribui ou possibilita oportunidades se marca como uma língua ainda por vir, uma língua como promessa. Uma língua que abre portas, seja no âmbito do trabalho, seja de inserção em um “mundo mais amplo”. E01 já trabalhou como professor de inglês como língua estrangeira, bem como viajou por alguns países, fazendo uso dessa língua como possibilidade de enlace com o outro. Para ele, o inglês de fato abre portas. É uma língua de oportunidade e de entrada efetivamente.

O entrevistado está há cinco anos no Brasil e tem uma pronúncia do português brasileiro bastante adequada. Não entendemos que exista um português padrão e legítimo, de modo que sua fala não tem um ponto do qual se afastar. Na verdade, entendemos que sua fala tenha marcas fonéticas singulares, assim como encontramos na maioria dos falantes nativos. Cabe apontar, entretanto, algo que nos chama a atenção em sua fala.

Sem propor nenhum tipo de análise selvagem, convém marcar que a pronúncia que faz da palavra “inglês” (cuja transcrição fonética é [ingl'es]) remete-nos à pronúncia da palavra inglesa *ingress* (sendo a transcrição fonética [ˈɪŋrɛs⁶]) e que pode ser traduzida como admissão ou entrada. Não

⁶ A transcrição fonética nos interessa por colaborar com o leitor na compreensão do que vem sendo exposto pelos autores, na medida em que entendemos que o deslize de sentido não se dê amparado em um desvio sintático ou em um ato falho com relação à utilização do significante, mas sim por sermos provocados, enquanto pesquisadores, por essa diferenciação fonética que se apresenta na fala do enunciador.

propomos uma interpretação de sua pronúncia como poderíamos interpretar um lapso ou um deslize significativo (MELMAN, 1992); no entanto, é digna de nota a sua pronúncia desse significativo em específico. Destituir a língua do falante de sua singularidade, seja na escolha de palavras que faz, seja na forma como se expressa é colaborar com o apagamento do sujeito. Seguindo essa lógica de valorizar o sujeito a partir da singularidade de seu dito, é que buscamos transcrever todas as entrevistas com base não apenas no conteúdo, mas também na forma como o enunciador enuncia. Se assim procedemos, seria um contrassenso apagarmos esse deslize fonético que aparece na fala de nosso entrevistado e que nos provoca sentidos outros.

Entendemos que a mobilização analítica que aqui desenvolvemos (especificamente neste ponto com relação a esse deslize fonético), seja mais relativa à escuta pelo pesquisador dos entrevistados e à relação mesma do pesquisador com a pesquisa – uma relação que não há de ser anódina ou vazia. Nessa perspectiva, Dunker, Paulon e Milan-Ramos (2017, p. 108) apontam que:

A tese de Lacan de que, ao ler um texto, devemos colocar “algo de nós próprios” deve ser compreendida não como uma sanção irrestrita ao psicologismo, mas como a afirmação metodológica de que, depois da disciplina do comentário [...], podemos então introduzir o momento da interpretação.

Se o texto possui lacunas e pontos de desencontro, é a interpretação que vem como uma perspectiva para resolver ou, antes, modalizar essa problemática. Propomos nesse viés, como uma possibilidade de adição e de construção de novos sentidos, uma associação entre a fala do entrevistado e as reflexões que ela nos desperta enquanto pesquisadores, marcando que o inglês apareça como uma língua (enquanto sistema e enquanto órgão) de oportunidade – e de entrada. “INGRÊS seria uma língua de oportunidade” (SD01 E01). Desse modo, somos instigados por nosso enunciador e ouvimos, na sua forma de expressar, um reforço dessa relação positiva que mantém com o inglês como uma língua que abre portas.

Por outro lado, as mesmas reflexões sobre essa pronúncia de E01 nos fazem retomar Revuz (2001). A autora aponta, com relação ao aprendizado de novos idiomas, que esse processo requer uma regressão para se estabelecer de fato. Uma volta para uma fase em que o sujeito ainda não se dizia e não dizia do mundo, dependendo do outro, então, para suas necessidades mais básicas. Para ela, esse é um regresso muito doloroso, por vezes excessivamente doloroso, de modo que o sujeito pode, por vezes, evitá-lo.

Há alguma coisa de impossível, isto é, de perigoso, nessa tomada de distância, e a intelectualização e a racionalização pelo recurso à escrita se apresentam como uma proteção contra alguma coisa que parece ao mesmo tempo regressiva e transgressiva (REVUZ, 2001, p. 222).

Assim, a escrita vem por vezes como um porto seguro para a estabilização do sujeito sobre essa nova língua. A gramática entra em cena tentando abarcar esse real (MILNER, 2016), apenas eventualmente com sucesso. A problemática se dá, entretanto, quando o corpo é convocado, quando a língua enquanto órgão atravessado pela pulsão é convocada a dobrar-se e proferir.

A nomenclatura aponta o referente enquanto existente e como ele existe na psique do porta-voz, então o recorte que a língua materna opera no referente está sempre provido de uma carga afetiva, marcada pelo desejo do "porta-voz". Conseqüentemente, a operação de nomenclatura em língua estrangeira, mais do que uma regressão, vai provocar *um deslocamento das marcas anteriores*. A língua estrangeira vai confrontar o aprendiz com um outro recorte do real mas sobretudo com um recorte em unidades de significação desprovidas de sua carga afetiva (REVUZ, 2001, p. 223).

Embora favorável e presente na vida dos falantes como algo positivo que lhes possibilita alcançar novos espaços sociais e atingir novos objetivos de vida, a relação com essas línguas outras é, talvez por isso, bastante complexa. Ainda que não tragam marcas da relação bastante próxima, eventual e excessivamente próxima, com a mãe e muito embora não sejam línguas institucionalizadas que sejam impostas e se imponham ao sujeito, línguas como o inglês, o espanhol e o português marcam a relação do falante com o outro – não teria como deixar de ser – seja na sua vida pessoal, seja nos espaços de trabalho.

SD02: Agora/ a minha relação com essas línguas é// é uma coisa complicada/ muito complicada. Eu trabalho aqui, Chapecó, como intérprete. (...) Eu recebo/ pessoas na, na, na/ no posto de saúde que é onde eu trabalho/ pessoas que falam ahn/ francês, crioulo, ahn/ espanhol também. (...) Na questão da língua/ eu trabalho com ahn/ tradução medical. É// são coisas da medicina. Então traduzir um termo da medicina/ do português para o crioulo/ ou para o francês é uma coisa problemática. Às vezes eu me perco nas línguas/ Às vezes/ falando francês com uma pessoa/ ou crioulo// Eu/ entro/ outras línguas na/ na/ na fala. (...) as vezes eu falo com as pessoas e/ eu solto uma palavra em francês ou em crioulo/ sem querer/ Porque é um/ automatismo// (E04, p. 05).

Na SD02 – que serve como material de análise, mas que também nos interessa por contextualizar a posição de nosso entrevistado –, o enunciador se marca em um espaço de entre-línguas. Mais do que se situar nessa posição, ele se constitui a partir dela. Ainda que transite entre as línguas várias com relativa fluidez, essa transição (e tradução) é por vezes problemática. A falha e a falta – constitutivas – da língua são marcadas como um automatismo.

Com relação a essas línguas que não coincidem, e nas quais, por vezes, o sujeito vai se arriscar em um movimento de tradução – assim como faz E04 no posto de saúde –, Melman pontua:

Saber uma língua é muito diferente de conhecê-la. Saber uma língua quer dizer ser falado por ela, que o que ela fala em você se enuncia por sua boca, como destacado, a título do "eu". [...] Conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece. Desde então, não falamos mais do mesmo lugar, nos comunicamos. A ideia da língua, como meio de comunicação, se apresenta naturalmente aos imigrantes (MELMAN, 1992, p. 15).

Há nessa passagem algo que é de outra ordem. Não há equivalência entre verbalizar em uma língua e em ser dito por ela. E04, bem como os outros participantes, sabem o crioulo – e o francês, apesar de tudo? – e são, portanto, ditos nessa(s) língua(s). As línguas outras conhecem apenas, e é em razão disso, de ser-alguém-que-conhece, que E04 é convocado a traduzir.

Se ele consegue traduzir do português para o crioulo, ou para o francês, ou mesmo para o espanhol – não sendo nem o português nem o espanhol línguas que sabe, mas sim que conhece (MELMAN, 1992) –, é só em razão de ter sedimentadas suas relações com as línguas a partir do crioulo. É em razão de sua inserção na língua pelo Outro que ele pode traduzir.

Assim, a tradução se dá, compreendemos, sempre a partir da língua que se sabe. Para Melman (1992), a língua que se sabe é a língua dita materna, e referir-se a ela como a língua que se sabe significa apenas dizer que ela é a língua em que o falante se autoriza a dizer como mestre.

E04 trabalha com tradução medical. Se, para Melman, a tradução visa sempre a um sentido há nesse caso, ainda mais, a necessidade de uma tradução “correta”, pois, afinal, trata-se de um trabalho que impacta o acesso dos pacientes e dos profissionais de saúde a informações fidedignas. Nesse sentido, pensamos se não há algo, então, que leve à busca por uma totalidade da língua, uma totalidade, uma completude que tem como constitutivas as mudanças entre línguas. Assim, um ato falho como uma palavra surgindo em outro idioma seria lido como um automatismo. Afinal, constitutivo da posição de tradutor. Entendemos que não.

Muito embora Melman pontue que, “Se falo uma língua estrangeira, o retorno de meus significantes inconscientes não poderá mais se dar a escutar como a expressão de um desejo, mas como erro lexical ou sintático, mesmo ao meu próprio ouvido” (MELMAN, 1992, p. 33), o que ocorre é de outra ordem. O ordenamento dos significantes no inconsciente “se mantém” e a cadeia significante pode se valer dessa palavra na língua do outro para fazer com que algo escape à repressão. Em nosso entendimento, Melman não diz que o ato falho na língua-do-outro não ocorra, mas sim que poderá haver uma negação desse ato falho sustentado em um saber gramático e em uma ânsia de identidade.

Na SD02 E04 aponta que por vezes se perde nas línguas (às vezes eu me perco nas línguas/ às vezes/ falando francês com uma pessoa/ ou crioulo// eu/ entro/ outras línguas na/ na/ na fala). Interessante é sublinhar o fato de que não é entre distintas línguas que ele se perde, mas nas línguas. Em nosso gesto de leitura – da forma como significamos e a partir de nossa perspectiva teórica –, entendemos que é dentro de cada língua que se perde. Esse sair da língua – para podermos falar em uma pluralização de línguas – é apenas sair brevemente, e não se afastar. Tomemos a fita de moébius para tornar mais compreensível ao leitor a forma como temos compreendido esse movimento reconhecido por E04.

Nessa estrutura topológica da qual Lacan se vale em seu ensino – da qual aqui nos apropriamos para pensar a relação do sujeito com sua(s) língua(s) –, não há dentro e fora. A partir de uma torção de uma superfície retangular, mas achatada, tem-se como resultado um objeto tridimensional de apenas um lado.

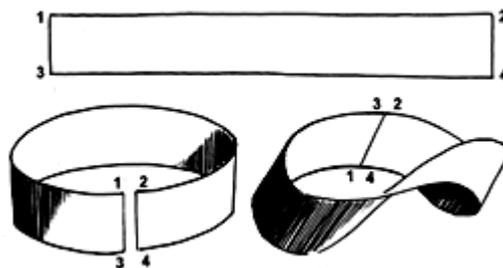


FIGURA 1 - Fita de moébius
 Fonte: marligo.wordpress.com (2013).

Na Figura 01, assumindo que as ilustrações icônicas são objetos em três dimensões, podemos observar que na primeira imagem temos um retângulo com dois lados, um dos quais está oculto dos olhos do observador/leitor. O segundo objeto, circular, também possui dois lados, não mais frente e verso como a faixa acima, mas um dentro e fora. O terceiro objeto, tal como temos compreendido a fita, não possui essa propriedade (ter dois lados).

Retomemos o perder-se nas línguas. Em nossa compreensão, é dentro de cada língua que E04 se perde. Confundindo-se a sua e a do outro, não há um afastamento entre elas para que, a partir daí, ele se perca, uma vez que a banda de Moébius “[...] leva a entender que não é de uma distinção originária que deve provir a divisão” (LACAN, 1998, p. 870), pois não há divisão pressuposta e estanque, não com relação à língua, que é o objeto sobre o qual temos aplicado essa estrutura topológica. Esse se perder no labirinto das palavras é aventado por Melman (1992), que, entretanto, assume outra perspectiva sobre o tema. Ainda sobre as incidências do bilinguismo, o autor considera que:

Do ponto de vista linguístico, nada se opõe à penetração de uma língua por outra [...] o inconsciente não cria nenhum obstáculo à mixagem das línguas. Pode reter em seu seio palavras, locuções, fragmentos inteiros de discursos tomados de uma língua da infância que em seguida tornou-se estrangeira. O inconsciente não é nem nacionalista nem xenófobo (MELMAN, 1992, p. 16).

Há o reconhecimento de uma miscigenação entre as línguas. E04 perde-se, mas isso se dá em um nível da consciência e de uma perspectiva da busca por uma estabilidade, da busca por uma identidade. A partir de Le Gaufey (2018), podemos entender que esse que se perde é o sujeito do signo, do qual o *Ich* freudiano não vai se separar – do *moi*. No inconsciente, outrossim, em que se situa o sujeito do significante, não há essa sedimentação e fragmentação entre distintas línguas. Elas coexistem e se imbricam em um movimento moebiano.

O espaço entre-línguas – seja em uma posição menos marcada, de menor trânsito, seja em uma posição que convoca mais o falante, como a de um tradutor – é sempre marcado pela instabilidade. Ainda que se busque uma totalização da língua do outro – aproximação com outra língua materna, como aventa Derrida (2006) –, algo escapa e falha. Na próxima seção, buscaremos compreender de modo mais específico as relações de nossos entrevistados com suas línguas a partir da relação que sustentam com elas.

3. Língua materna; língua popular; língua do povo

O Haiti, país de origem de nossos entrevistados, tem duas línguas oficiais. São elas o crioulo haitiano e o francês. Pimentel, Cotinguiba e Ribeiro (2016) apontam com relação ao crioulo que ele é um vernáculo de origem dupla e de falantes majoritariamente negros. Para esses autores, a oficialização do crioulo como língua sofre efeitos do imperialismo francês mesmo após a independência do Haiti.

Embora o francês seja uma língua institucionalizada que circula nos espaços sociais de prestígio, como escolas e escritórios, o crioulo é falado pela expressiva maioria da população em seu cotidiano. É nele que as crianças são ditas pelos pais e é ele que singulariza a relação com o francês, colocando esse último como uma língua de dominação, uma língua que vem refrear a relação já estabelecida com esses modos outros – e lugares outros – de se dizer.

Buscamos, nesta seção, aproximar-nos das representações de língua tal como experienciadas e propostas pelos nossos entrevistados com relação ao crioulo, língua entendida pelos quatro entrevistados como sendo sua primeira. Cada qual com sua singularidade reflete na relação com essa primeira língua a sua relação com o Outro.

A definição de Outro em Lacan não é – assim como grande parte de seus conceitos – fechada de forma hermética e engessada. Ele vai, durante o desenvolvimento de seu ensino e de sua obra, rever e reatualizar esses conceitos. Outro entre eles. Assim podemos compreender o Outro como linguagem (DUNKER; PAULON; MÍLAN-RAMOS, p. 54), o Outro como desejo e o Outro como gozo (FINK, 1998, p. 31), o Outro como lugar da palavra (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 79). Em essência, o Outro sempre traz marcas de um para além, algo que escapa ao sujeito e que se relaciona com a ordem simbólica. Em função disso, submete o sujeito e lhe determina certas posições – relativas e dentro dessa ordem simbólica –, uma vez que para o autor “Se o sujeito é o que lhes ensino, a saber, o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante” (LACAN, 1973 [1996], p. 193).

Quando falam sobre sua primeira língua, nossos entrevistados o fazem de modos bastante distintos e peculiares. Considerando cada uma das entrevistas como um todo, é possível compreender que essas designações não são lançadas ao acaso e que de fato dizem da relação de cada um dos entrevistados com essa língua.

Não temos uma definição homogênea sobre essa primeira língua que falam, apontada por todos como o crioulo haitiano, tampouco um nome – genérico ou academicista – pelo qual a chamar – Babel se faz inatingível (DERRIDA, 2006) – a partir da fala de nossos entrevistados. Para E04, essa primeira língua é a língua do povo. Aponta ele:

SD03: O crioulo/ a gente chama de língua do povo [inc.]. Mas o crioulo/ desde a infância o jovem haitiano nascido no Haiti começa a falar crioulo com os pais, com os amigos [inc.]. Então o crioulo é a língua que mais se fala no Haiti. (...) Desde minha infância, com minha mãe, com meu pai e com as pessoas que eu tenho contato [inc.]. É a língua que foi mais fácil de aprender pra mim porque, é a língua do cotidiano (E04, p. 02).

E04 apresenta na SD03 uma fala bastante organizada e carregada de elementos diversos. Entendemos que ele busca uma sistematização e uma organicidade na sua exposição, não para facilitar a compreensão necessariamente, mas para sua organização. Quando fala sobre a tradição (SD03 E04), compreendemos a partir de nossa leitura, busca se amparar em um funcionamento social mais amplo da língua. Preocupado com os elementos sociais e a forma como afetam os conterrâneos haitianos, ele não singulariza essa primeira língua.

A língua é plural e social. Constitui-se para e a partir de seus falantes, mudando no tempo para dar conta de abarcar as necessidades do dizer destes. Para E04, o crioulo é a língua do povo.

Para ele, essa língua do povo, como aponta em outro momento da entrevista, tem uma potência e desempenhou um papel na emancipação do Haiti que o francês não poderia. Assim, ela se faz potência, ela é potente. É potente porque é de um povo, não de um indivíduo, importa para ele porque é coletiva, é de todo seu grupo social. Ganha poder e ganha relevância na medida em que é falada por todos (com minha mãe, com meu pai e com as pessoas que eu tenho contato [SD03 E04]).

Essa “primeira língua” ganha corpo e relevância em relação ao francês, no uso cotidiano, por uma questão cultural. É uma tradição o uso do crioulo.

Entendemos que para E02 a relação com o crioulo é mais individualizada do que para E04. Embora a relação dele com essa língua nos pareça mais singularizada, isso não apaga o fato de que aparecem em sua fala marcas de um entendimento mais social com relação ao funcionamento dessa língua.

SD04: Então/ é uma escola mesmo que/ FAVORITA a língua francesa, porque/ ah/ a gente ta num país como eu te falei que tem crioulo como língua popular que/ quase toda a popul/ que TODA A POPULAÇÃO, não é quase/ toda a população exprime através dessa língua. Mas ahm/ como que fala mesmo/ todas as matérias, então todos os livros são em francês. E que é uma língua que a criança vai aprender na escola mesmo porque a criança não nasce falando francês. A criança nasce falando crioulo/ porque é a língua da família dele, é a língua que é falada em casa (E02, p. 04).

Para ele, o crioulo é uma língua popular, que toda a população usa para se exprimir. Nesse sentido, sua fala se alinha com a de E04, pensam ambos em uma língua a partir do coletivo. Convém ressaltar que esses enunciados sobre a língua em uma perspectiva mais “ampla” podem advir do fato de que ambos os enunciadores, 02 e 04, realizam o mesmo curso superior, na área de humanidades, em semestres diferentes.

Não propomos que, para entender a língua como um fenômeno social – o que ela é, de fato –, faz-se necessário fazer uma graduação em ciências humanas, mas sim que, ao falarmos de nossa relação com a língua, vamos trazer marcas de quem somos no que diz respeito a ser sujeito e a expressar subjetividade – falamos de nosso lugar enunciativo sobre quaisquer temáticas das quais falemos, de fato –, de modo que em seus enunciados aparecem marcas dessa posição no discurso. Na fala de E02, chama a atenção a repetição do significante popular.

O E02, portanto, apresenta uma descrição dessa primeira língua: é a língua de todo um povo, de toda uma população. É, em suas palavras, popular. Por outro lado, ela afeta o sujeito de modo radical, incidindo sobre ele ainda na gênese de sua construção, subjetiva e biológica, possibilitando-o ser. Designação de mão dupla que não se faz excludente.

Interessante ainda é pontuar que o enunciador aponta o crioulo como uma linguagem:

SD05: O Haiti é/ bilingue, um país que fala duas línguas. Portanto crioulo e francês. Crioulo como linguagem/ popular/ nativa. Por quê/ quando você/ qualquer haitiano, tipo, ou seja, todos os haitianos falam crioulo. Porém tem uma parte da população que não fala francês. Ou seja, o francês é estabelecido como uma língua elitista, uma língua que é somente algumas pessoas que têm algum acesso à educação, algum grau de educação que são capazes de/ exprimir naquela língua/ Então. É/ uma história. É um fenômeno que// Que acontece devido o processo colonial, o passado colonial do país (E02, p. 03).

Podemos considerar, então, que o enunciador compreende que o crioulo é uma língua que em si se transborda? Que se faz linguagem por ir além da língua enquanto código linguístico e ter algo que em si lhe escapa? Nesse sentido, retomamos Milner se reportando às construções teóricas de Lacan:

Vê-se, reciprocamente, que a proposição lacaniana segundo a qual “não há metalinguagem” deixa-se imediatamente traduzir por “há algo da linguagem que se inscreve como não-todo” – e que ela consiste apenas na afirmação de que, na linguagem, existe a língua (MILNER, 2016, p. 76).

Algo, portanto, sobra. Ex-siste, com relação a essa linguagem a qual Milner aponta e E02 se refere, algo de não totalizável. A língua. Entendemos, diante do exposto por nosso entrevistado, que, ainda que ele não nomeie essa primeira língua como língua materna, sente dela os seus efeitos.

Se vai além de um código, não é para todo e qualquer falante. Não propomos essa assertiva como algo taxativo, ou uma abstração desconstrutora em relação ao crioulo como língua. Propomos que seja para o E02 que ela transborde. Para ele é que ela vai além de um código linguístico, uma vez que “[...] a língua materna não se separará jamais dessa sedimentação afetiva para tornar-se um instrumento de designação objetivo das coisas do mundo, no sentido em que pode sê-lo a linguagem científica” (REVUZ, 2001, p. 219-220).

O E03 relaciona o crioulo haitiano com a função de maternagem. Se usualmente grafa-se língua materna ou língua da mãe – e com Derrida [1996] vamos entender que o “da” é indicativo de origem da língua, e não de pertencimento –, o enunciador se refere ao crioulo de outro modo. Diz ele:

SD06: A gente pode chamar essa língua, língua mãe também/ por quê/ desde que eu/ já/ eu já comecei a entender algumas palavras em francês// Mas a gente/ a gente fala mais o crioulo, mas pra poder falar mais o francês a gente precisa ir na escola. Quem não/ for pra escola/ fica um pouco difícil pra poder/ falar o francês mas o crioulo/ mesmo que a pessoa não/ foi pra escola/ ela consegue falar o crioulo normalmente// (E03, p. 02).

Nessa perspectiva, o enunciador aponta que o crioulo é a mãe, enquanto língua. Não se refere a essa primeira língua a partir de uma relação com a mãe, tal como ocorre com a língua materna, nem de origem tampouco de pertencimento, para ele é a “língua mãe”. Retomando o já discutido (LACAN 1968-1969 [2008]; FINK, 1998), podemos entender que essa língua tenha, para o E03, papel desse Outro alienante – na língua materna é a mãe que faz esse papel –, cuja proximidade é por vezes sufocante. Essa língua seria, nessa perspectiva, uma língua constitutiva do sujeito, mas alienante e potencialmente perigosa. A língua mãe – enquanto Outro, conjunto de todas as expressões de uma língua – e a mãe – como protótipo do Outro – não encontram e não apresentam limites.

Entendemos, nesses termos, que a palavra não falta. O que ocorre é a supressão ou repressão da palavra. Igualmente, não é a mãe quem faz isso, mas sim a entrada de S2 em jogo e a inserção do sujeito no campo do Simbólico. A castração e o interdito devem vir – *a posteriori* – de outro lugar.

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isto (LACAN, 1992, p. 105).

A mãe, sem essa interdição que vem de outro lugar e que impede a bocarra de se fechar, é puro desejo. Um desses lugares supostos de onde pode vir a castração na linguagem, fazendo as vezes de metáfora paterna, é a gramática. Ela vem vetar a função de excesso presente na língua materna na medida em que essa se imbrica com lalíngua e a partir daí algo sobra e escapa da representação. Se lalíngua é fato e por seu contato com o real é, portanto, irrepresentável em seu todo, a gramática se institui como um imperativo de inserção no simbólico. Afasta essa língua-mãe e transforma-a em língua como Outro, vedando o puro desejo.

Esse vínculo entre as duas representações procede da *identificação simbólica* e, como tal, é representado através das “leis da língua” (lógica e gramática), de modo que, também aí, fica claro que todo discurso é ocultação do inconsciente (PÊCHEUX, 2016, p. 163-164).

Assim, a gramática e a inserção em uma língua “correta” inserem o sujeito em uma língua que é do outro, uma vez que compreendemos com Derrida que dizer que a língua é do outro e não é minha não significa dizer que é estrangeira (DERRIDA, 1996, p. 18), embora isso seja possível.

No caso de nossos enunciadores isso se dá de forma relativa. O francês – com relação ao crioulo, no Haiti – não é por definição uma língua estrangeira, haja vista que ambas são línguas oficiais do país. Entretanto, ele se marca como uma língua – enquanto código linguístico – outra. Para Revuz (2001), essa forma de relação com o que ela chama de língua estrangeira – aqui essa língua do Outro, estranha e familiar (*unheimlich*) – vem desestruturar a relação já estabelecida com a língua materna.

E01, por fim, apresenta essa primeira língua como língua materna. Diz ele:

SD07: sobre o crioulo que eu falei que é/ que seria uma língua materna, por exemplo, em casa quando você// o Nenê digamos, o bebezinho, o pai, a mãe, sempre falava geralmente em crioulo, por exemplo... (E01, p. 05).

Sendo materna, faz-se primeira e marca sua importância a partir desse enlace com a mãe – e com o pai – que fala(m) com essa criança em sua língua. Língua como relação, como cuidado e como investimento, o enlace que se sustenta nela se dá a partir do crioulo (geralmente [SD07 E01]). O crioulo como língua primeira é língua do pai e da mãe, a partir deles irá se dar a inserção dessa criança-sujeito na linguagem. A língua é, portanto, sempre de um Outro.

Mas por essa mesma razão, o monolinguismo do outro quer dizer ainda outra coisa, que se descobrirá pouco a pouco: que de todo modo, não falamos apenas uma língua – e não vamos. Não falamos nunca senão uma língua – e ela é dissimetricamente, regressando-lhe, sempre, ao outro, do outro, guardada pelo outro. Vinda do outro, ficando com o outro, ao outro retornando⁷ (DERRIDA, 1996, p. 70, tradução nossa).

A fala de E01 nos remete ao exposto por Derrida (1996), quando pontua que a língua – enquanto sistema linguístico – é da mãe, mas também é do pai, e de outros além deles. Não é por ser a língua da mãe que ela importa, mas sim por vir por meio da mãe se presentificar para o sujeito a partir do discurso dessa mãe em sua função de maternagem e de cuidado dessa criança. E ainda:

SD08: ...o crioulo para nós não foi algo esforçado, pra aprender// Era mais/ A GENTE BRINCAVA EM CRIOULO, fazia tudo. [...] Digamos assim, a língua crioula, por isso a gente sempre se refere como a língua materna. Por que, mesmo quando você era tipo/ a sua mãe tava grávida, você ouvia né na/ na/ dentro da barriga, crioulo, entendeu? Fica algo mais NATURAL, entendeu? Não tem como um haitiano, um/ uma criança haitiana, nasce lá, não fala crioulo (E01, p. 06).

A língua se faz. Ela é código linguístico, mas também é órgão, “[...] uma víscera que, não por acaso, curto-circuitando o dentro e o fora do organismo que ela habita, se consagra em português na talvez mais célebre e mais banal das catacreses, passando inclusive despercebida como tal: a saber, a *língua*” (SOUZA JR., 2019, grifos no original). Se o corpo é constituído pelo Outro a partir de significantes na medida em que é nomeado e que é dito, o corpo da criança ou do adulto haitiano não é apenas marcado pelo crioulo. Ele é, em sua totalidade, constituído em sua singularidade por ele.

A ligação entre a língua e o corpo é inegável. A língua vem do outro e com o outro se enlaça. Dá-nos a língua e nos faz língua. Para E01, a relação com a língua materna é visceral. Não há outro significativo que, em nosso entendimento, construa significações de forma tão adequada desse lugar que ela ocupa em sua vida. Diz ele: “[...] você ouvia né na/ na/ dentro da barriga, crioulo” (SD08 E01),

⁷ *Mais pour cette raison même, le monolinguisme de l'autre, cela veut dire encore autre chose, qui se découvrira peu à peu: que de toute façon on ne parle qu'une langue – et on ne Va pas. On ne parle jamais qu'une langue – et elle est dissymétriquement, lui revenant, toujours, à l'autre, de l'autre, gardée par l'autre. Venue de l'autre, restée à l'autre, à l'autre revenue* (DERRIDA, 1996, p. 70, grifos no original).

marca-se em seu discurso que essa língua materna o constitui, ainda no útero de sua mãe enquanto é um com ela e com ela se confunde, ainda ali sofre da língua seus efeitos e suas benesses.

Língua do lar, o crioulo é também a língua da brincadeira e aparece nessa função com uma ênfase significativa. E01 quase se choca ao afirmar o quão natural poderia ser essa língua, já que por meio dela é possível brincar. Uma língua democrática, possível de ser dita por crianças e que por meio dela as crianças possam se dizer.

Lacan, no posfácio de seu *Seminário 11*, aponta que a inserção da criança na escola é a desmaternalização de sua língua. Em verdade, o autor aponta que:

Eu, contudo, visto a quem falo, tenho que tirar dessas cabeças o que elas creem manter do tempo da escola, dita sem dúvida maternal pelo que nela se possui até à desmaternalização: ou seja, que se aprende a ler ao se alfabetizar. Como se a criança ao saber ler por um desenho que é girafa, por um outro que é gato que se tem que dizer, não aprendesse somente que o G, com que os dois se escrevem, nada tem a ver com se ler pois que não responde por isso (LACAN, 1973 [1996], p. 272).

Embora o autor não clarifique o uso de “alfabetizar” (no original “*alphabêtissant*” [LACAN, 1973, p. 252]), jogo de palavras entre alfabetizar e besta (*Bête*), propondo uma conjugação desse substantivo, entendemos que com esse alfabetizar o autor se refira a uma nova assujeição (e, portanto, apagamento) perante o Outro.

Mais do que propor uma concepção fechada dessa primeira língua que dê conta de atender nossas aspirações teóricas, buscamos, por outro lado, compreender os entendimentos que nossos entrevistados constroem e dos quais se apropriam a partir dela.

Em suas concepções/definições dessa primeira língua, ela aparece sempre relacionada a alguém outro, para além da mãe, seja entendida como língua popular, língua do povo ou do pai – a exceção se dá na fala de E03, que entende essa primeira língua como A mãe por excelência. Nessa perspectiva, é pertinente retomar Lacan (1953 [1982]), que salienta que toda relação simbólica é sempre inscrita em uma relação a três. Além disso, cabe citar Lacan e Granoff (LACAN; GRANOFF, 1973, p. 99), que argumentam que essa relação triangular é sempre carregada de conflito. Em síntese:

[...] todas as relações a dois são marcadas pelo selo do imaginário. Para que uma relação assuma o seu valor simbólico, é necessária a mediação de uma terceira pessoa que forneça o elemento transcendente por meio do qual a relação do sujeito com um objeto pode ser mantida a uma dada distância⁸ (LACAN; GRANOFF, 1973, p. 103. Tradução nossa).

A presença de um terceiro é então condição imprescindível para a ocorrência do simbólico. Seja esse terceiro o pai, quando designamos essa primeira língua como materna, seja a multiplicidade de falantes quando pensamos nela no que diz respeito à língua do povo. Esse Outro variável se faz, de algum modo, sempre presente.

⁸ [...] toutes les relations à deux sont marquées du sceau de l'imaginaire. Car pour qu'une relation assume sa valeur symbolique, il faut la médiation d'une troisième personne qui procure l'élément transcendant à travers lequel la relation du sujet à un objet peut être maintenue à une distance donnée (LACAN; GRANOFF, 1973, p. 103).

4. Considerações finais

Neste texto, buscamos interpretar representações que nossos entrevistados têm da relação com suas línguas. Assim, um ponto que merece ser levantado e discutido é a língua na qual se realizaram as entrevistas. No desenvolvimento de nossas análises, permitimo-nos ouvir nossos entrevistados uma vez mais acerca desse lugar instável em que se enunciam. O que ouvimos fez eco a Revuz (2001) ao refletir sobre a inconformidade entre o eu da língua estrangeira e o eu da língua materna. Se, ao contrário daquela, esta última nunca vai ser um simples instrumento de designação, pois é lugar de sofrimento e de paixão (DERRIDA, 1996), o que dizer quando nossos entrevistados são convidados a falar de si em uma língua que é, marcadamente, do outro?

Buscamos compreender como o sujeito se situa nesse espaço entre-línguas e culturas. Para isso, entendemos anteriormente e também agora, que realizar a entrevista nessa língua-outra seria bastante profícuo, uma vez que nos interessava essa desestabilidade proposta pela língua do Outro, essa necessidade de um recuo, por vezes, físico (REVUZ, 2001), que ela provoca e induz. A isso essa língua do outro se presta muito bem, de fato. O ponto é que a língua materna também cumpre essa função, com mais maestria, talvez. Se a língua do outro carrega sentidos intelectualizados porque amparados em um saber-dizer, a língua materna flui por meio do sujeito o dizendo.

Se buscávamos falar dos entendimentos de línguas que possuem nossos entrevistados, no decorrer da construção do texto, percebemos que ele tomou um caminho outro. Ainda discorreremos, é claro, acerca da relação dos enunciadores com suas línguas, mas por outro lado essa relação não é da ordem de um entendimento sobre a língua. É uma relação outra, menos objetiva e menos consciente. Talvez seja acerca da forma como eles significam o afetar-se por essa língua que os envolve.

Se para E02 a criança “nasce falando” o crioulo, retomando Lacan (1953-1954 [2009], p. 297) que postula que “Antes da palavra, nada é, nem não é”, podemos compreender que nada há antes da língua. Só a partir dela se pode ser.

É nessa dimensão que uma palavra se situa antes de tudo. A palavra é essencialmente o meio de ser reconhecido. Ela está aí antes de qualquer coisa que haja atrás. E, por isso, é ambivalente e absolutamente insondável. O que ela diz, será que é verdade? Será que não é verdade? É uma miragem. É essa miragem que lhe assegura que estão no domínio da palavra (LACAN, 1953-1954 [2009], p. 311).

Ela não apenas funda o sujeito como também funda a possibilidade de o sujeito se fazer/ser. Ela já está lá quando a criança nasce e lança sobre ela o seu imperativo. A criança nasce falando, ou, ao menos, sendo falada.

Em alguma medida os enunciadores têm ciência disso. Eles são atravessados por suas línguas, por todas, e se fazem sujeitos a partir delas. Condição e possibilidade desestabilizante e que nunca se finda. O sujeito nunca está pronto e mais do que ser um sujeito que é atravessado por línguas outras – como o português agora que se situam na posição de imigrantes – essas línguas outras os constituem.

Agradecimento

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BORDIGNON, S. A. F.; PIOVEZANA, L. I. Inserção social e escolar dos haitianos em Santa Catarina. VI *Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade* – Rio 2015. Anais eletrônicos. Disponível em: 1440717125_ARQUIVO_INSERTAOSOCIALEESCOLARDOSHAIITIANOSEMSANTACATARINA.pdf (ufrj.br). Acesso em: 04 de fev. 2020.
- COSTA, D. C. *Constituição identitária no espaço entre-línguas: Marcas discursivas em narrativas de imigrantes haitianos*. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. 2016.
- CORACINI, M. J. *A celebração do outro: Arquivo memória e identidade: Línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- DERRIDA, J. *Le monolinguisme de l'autre*. Paris : Galilée, 1996.
- DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2006.
- DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MÍLAN-RAMOS, J. G. *Análise Psicanalítica de Discursos: Perspectivas Lacanianas*. São Paulo. 2. Ed. Estação das Letras e Cores. 2017.
- FALEIROS, F. et al. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. *Texto e contexto – Enfermagem*. vol. 25, n. 4, 2016. Disponível em: encurtador.com.br/aLVX8. Acesso em: 07 de jun. 2020.
- FINK, B. *O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GAUFEY, G. L. *A incompletude do simbólico: de René Descartes a Jacques Lacan*. Trad. P. S. de Souza, Jr. Campinas, SP: Editora Unicamp. 2018.
- LACAN, Jacques. (1953). A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 869-892.
- LACAN, Jacques. (1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LACAN, Jacques. (1956-1957). *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995
- LACAN, Jacques. (1953). *Le symbolique, l'imaginaire et le réel*. In: *Fragments 3*. Paris: Bulletin intérieur de l'école lacanienne de psychanalyse, p. 107-139, 1982.
- LACAN, Jacques. (1973) *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, Jacques. *Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la Psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

- LACAN, Jacques. (1968-1969) *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques; GRANOFF, Wladimir. *Le fétichisme : Le symbolisme, l'imaginaire et le Réel*. In: *Fragments 3*. Paris: Bulletin intérieur de l'école lacanienne de psychanalyse, p. 73-105, 1987.
- MAJOR, R. *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MARLI GONÇALVES. *Exclusivo: Uma fita que constrói o infinito*. Fev. 2013. Disponível em: *Fita de Mobius – Marli Gonçalves* (wordpress.com) Acesso em: 20 de junho de 2021.
- MELMAN, C. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992.
- MILNER, J. C. *O amor da língua*. Trad. P. S. de Souza. Jr. Campinas, SP: Editora Unicamp. 2016.
- MORAES, I. A. de; ANDRADE, C. A. A. de; MATTOS, B. R. B. *A Imigração haitiana para o Brasil: Causas e efeitos*. In: *Conjuntura Austral*, Vol. 4, n.º. 20. 2013. Disponível em: *A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios | de Moraes | Conjuntura Austral* (ufrgs.br) Acesso em: 20 de junho de 2020.
- PAYER, M. O. *A condição humana de imigrantes à deriva: Corpos, línguas e diluição do sujeito*. In: GRIGOLETTO, E. DE NARDI, F. S. (Orgs.). *A análise de discurso e sua história: Avanços e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes, 2016, p. 343-358.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. Ed. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2016.
- PETRI, V. *Funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do dispositivo experimental da análise de discurso*. In: DIAS, C.; PETRI, V. (org.) *Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 37-48.
- PIMENTEL, M. L.; COTINGUIBA, G. C.; RIBEIRO, A. A. S. *O crioulo haitiano e seu reconhecimento político*. *Universitas Relações Internacionais*. v.14, n.1, 2016. Disponível em: *encurtador.com.br/cfwIJ*. Acesso em: 04 de mar. 2021.
- REVUZ, C. *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Linguagem e identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP. Fapesp, 2001, p. 213-230.
- SOUZA JR., P. S. *O sexual no corpo da língua*. *Gragoatá. Revista dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF*, vol. 24, n. 49, p. 536-549, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/34094> Acesso em: 11 de mar. De 2021.
- STUBE NETTO, A. D. *Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração*. 2008. 243 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269482> Acesso em: 06 out. 2021.
- UEBEL, R. R. G. *A mudança da política externa brasileira para imigrantes e refugiados: O caso da imigração haitiana no início do século XXI*. *Barbarói*. n.º 47, p. 22-43, 2016. Disponível em: *<A mudança da política externa brasileira para imigrantes e refugiados: o caso da imigração haitiana no início do século XXI | Uebel | Barbarói (unisc.br)>* Acesso em: 16 de junho de 2021.

WEISSMANN, L. Migração/exílio e a perda da língua materna. In: *Cadernos de psicanálise (círculo psicanalítico/rj)*. n.º 37, p. 185-206, 2017. Disponível em: <v39n37a11.pdf (bvsalud.org)> Acesso em: 04 de junho de 2021.

WERNECK, G. L.; CARVALHO M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cad. Saúde Pública* n°36. Disponível em: <SciELO - Brasil - A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada > Acesso em: 02 de fev. 2020.